

(1944); *Os Camponeses* (1946); *Altar* (1947); *Poemas Heróicos*, nova edição enriquecida (1951); *Criança, Amor* (1956); *Paisagens Brasileiras* (1957); *Orações da Hora Última* (1959). Veio para a Academia quando da fusão com a Academia de Letras do Ceará.

OCUPANTE ATUAL

Rafael SÂNZIO DE AZEVEDO. Nasceu em Fortaleza, no dia 11 de fevereiro de 1938, filho de Otacílio de Azevedo (ocupante da Cadeira nº 26) e Teresa Almeida de Azevedo. Licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia do Ceará. Foi revisor de jornais em Fortaleza e em São Paulo, onde trabalhou na Editora LEP e n' *O Estado de S. Paulo* (neste último durante quatro anos). Retornando ao Ceará, foi ainda revisor da Imprensa Universitária, redator e encarregado de pesquisas e publicações da Casa de José de Alencar, da Universidade Federal do Ceará. Abandonando o serviço público, ingressou no magistério superior, sendo atualmente professor do Departamento de Letras Vernáculas do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará e do Departamento de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia da FUNEDUCE. Na primeira, tem lecionado Literatura Cearense e Literatura Brasileira; na segunda, Literatura Cearense e Literatura Portuguesa. Publicou: *A Terra Antes do Homem*, 1962, de divulgação científica; *Cantos da Longa Ausência*, 1966, poemas; *Caminhos da Poesia*, 1968, ensaios; *Poesia de Todo o Tempo*, 1970, ensaios; *A Padaria Espiritual*, 1970, síntese histórica; *A Academia Francesa do Ceará*, 1971, síntese histórica; *O Centro Literário*, 1972, síntese histórica. Tem prontos para impressão os livros *Literatura Cearense* e *Sete Estudos de Poesia Cearense*. Vários de seus ensaios sobre poesia ou arte poética têm sido publicados em revistas cearenses. É ainda autor das notas da *Obra Poética* de Antônio Sales, 1968, e das notas e da apresentação de *Dolentes*, de Lívio Barreto, 1970, publicações da Secretaria de Cultura do Ceará. Guilherme de Almeida observou “em sua arte a virtude máxima de todo verda-

deiro artista: a fidelidade a si mesmo”, e Braga Montenegro lhe assinalou “a seriedade de propósitos com que enfoca problemas de literatura”.

2

PATRONO

ÁLVARO Dias MARTINS. Muito escreveu com o pseudônimo “Alvarins”. Filho de Antônio Dias Martins e Teresa Dias Martins. Nascido no Trairi, mal passava este de povoado a vila, em 4 de abril de 1868. Transferiu-se, em 1897, para Fortaleza. Ainda menino, empregou-se no comércio e tentou estudos esparsos, sem qualquer sistematização didática. Embarcou para o Rio de Janeiro (1885) e ali colaborou na folha abolicionista de Patrocínio — *Cidade do Rio* e na *Gazeta Nacional*, de feição republicana. Voltando ao Ceará, mantém no *Libertador*, de Fortaleza, a seção “Curvas e Retas”, talvez o seu período áureo. Fundou o Clube Republicano, a que presidiu, e foi um dos organizadores do Centro Republicano, em junho de 1889. Funcionário aduaneiro, Promotor Público de Canindé, professor de Literatura no Liceu do Ceará, sucessivamente. No jornal *A República* era sua a coluna “Líricas”. Foi um dos criadores da Padaria Espiritual, com o criptônimo de “Policárpo Estouro”, e do Centro Literário. Faleceu, aos 38 anos de idade, no dia 30 de junho de 1906. Alvarins era em verdade um poeta, um sonhador. De vida um tanto boêmia, algo negligente na linguagem e às vezes na métrica, e não possuindo a conveniente cultura intelectual, revelou, no entanto, as forças do seu estro em estrofes admiravelmente inspiradas. Valentim Magalhães definiu muito bem o espírito dos seus versos: “Isso, sim, que é poesia brasileira no sentir, nas imagens, no dizer, no rimar. É simples, cantante, ingênuo puro.” Amou a sua terra — “os pescadores trigueiros e os sertanejos valorosos” — e cantou-os com o ardor do seu lirismo panteísta e a doçura dos seus poemas, sonetos, trovas e quadrinhas.